

TRABALHADORES DO SETOR DE EDIFICAÇÕES NA CIDADE DE PRAIA GRANDE: INOVAÇÕES NA PRODUÇÃO, ESCOLARIZAÇÃO E APRENDIZAGEM

ALVES, H. dos S.; VALENTE, R. M. F.

Centro Universitário Lusíada (UNILUS)

Rua Armando Salles de Oliveira, 150 – 11050-071 – Santos – SP – Brasil

Fone (13) 3235-1311; Fax (13) 3221-4488

hilda.alves@lusiada.br; posgrad@lusiada.br

Resumo

Dentre os desafios a serem enfrentados hoje pelos países em desenvolvimento e diante das transformações econômicas e políticas das últimas décadas, ocupam lugar central questões relativas às mudanças no âmbito da produção estimulada por novas tecnologias e o impacto de tais mudanças no campo da educação.

Esses fatos contribuíram para a escolha do tema “O trabalhador do setor de edificações na cidade de Praia Grande: a relação entre escolarização e aprendizagem” e, conseqüentemente, para uma pesquisa de campo no setor habitacional da construção civil sempre enfocando o trabalhador e seu processo de aprendizagem, frente às inovações do processo produtivo.

Vale ressaltar, então, que a relação entre aprendizagem e escolaridade dos trabalhadores do setor de edificações na cidade de Praia Grande é abordada através de informações colhidas na fala dos trabalhadores, engenheiros, técnicos e gerentes em três construtoras pesquisadas.

Dessa pesquisa destaca-se o “saber fazer” desses trabalhadores ocorre no canteiro de obras e é parte de uma estrutura de ofícios, na qual trabalhadores não qualificados apreendem um ofício lado a lado com trabalhadores mais experientes.

Finalmente, reconhecer que um maior grau de escolaridade é fundamental na absorção de novas tecnologias que exigem novos processos produtivos e conseqüentemente um novo perfil de mão-de-obra na construção civil.

Palavras-chave: Escolaridade. Aprendizagem. Saber fazer.

Rèsumè

Parmi les défis à être vaincus dans nos jours par les pays en développement vis-à-vis aux transformations économiques et politiques pendant les dernières décades, les questions relatives aux changements dans les domaines de l'éducation ont le rôle principal.

Ces faits ont collaboré au choix de thème “Le travailleur en construction” et par conséquence une enquête sur place dans le secteur d'habitation de la construction civile à Praia Grande (São Paulo) on focalisera toujours le travailleur, son apprentissage ou même son “savoir-faire” et le transfert de connaissance en face de nouveautés dans la procédure de la production.

On sait que les rapports entre l'héritage génétique et le milieu socio-culturel ne le sont jamais par exclusion, mais de complément, on dirait que l'individu ne se fait pas de dedans vers le dehors, il n'est ni même un reflet de l'environnement mais le résultat du rapport de lui-même avec un autre.

Donc, l'interaction individu/monde c'est la condition “sine-qua-non” de l'essor de la société. C'est à travers d'elle-même que les expériences et les circonstances socio-historiques et culturelles capables d'encourager le développement psychologique se font.

En analysant le procès productif, l'organisation du travail et de nouvelles technologies qui ont lieu dans les domaines de la construction, on aperçoit que le secteur a subi des changements même que ceux-ci ne soient pas égaux à d'autres secteurs économiques.

Il s'agit d'un secteur déterminé par la variabilité de la méthode de travail où la structure des métiers se maintenaient jusqu'à récemment comme un procédé déterminant de la formation du travailleur, de nouveaux défis marqués par la concurrence, par la restriction du marché de travail et par les exigences croissantes du consommateur sont venus pour mettre en évidence au-delà d'une crise de compétence ouvrière, une crise de compétence de ce secteur lui-même.

Au moment où l'on cherche un nouveau profil du travailleur dont le niveau scolaire joue un rôle remarquable, les plusieurs branches, soient-elles des entrepreneurs, des syndicats ou même du gouvernement reconnaissent le manque d'études et le placent au niveau d'un obstacle à la modernisation de ce secteur, lui-même. Toutefois il n'y a pas d'encouragement par ces mêmes secteurs-là pour la formation éducationnelle du travailleur à travers des cours techniques ou l'éducation des jeunes et adultes.

Il faut détacher que le rapport entre l'apprentissage et le niveau scolaire des travailleurs de construction à Praia Grande est pris selon les renseignements cueillis selon l'avis des travailleurs, des ingénieurs, des techniciens et gérants de trois entreprises de construction enquêtés.

Il s'agit en majorité des hommes issus du “Nordeste” du monde rural qui se sont engagés prématurément dans le marché de travail. Une attitude que les a amené à l'abandon de l'école pour chercher du travail dans les centres urbains et par

conséquence ayant un niveau élémentaire de scolarité ou encore même illetrés et parviennent à trouver du travail dans la construction civile.

L'apprentissage de ces travailleurs a sa place sur les chantiers et c'est une parcelle de la structure de ces métiers par laquelle des traillleurs non spécialisés apprennent un métier auprès d'autres avec plus d'expérience.

La reconnaissance de la démarche de l'enseignement comme un procedé interne qui en rapport avec l'environnement subit des transformations profondes nous fait penser que en contact avec une nouvelle realidade pos-moderna ils acquierent aussi de nouvelles façons d'interpreter le monde qui les entoure.

Mots-clés: Connaissance. Apprentissage. Savoir-faire.

1 INTRODUÇÃO

Partindo da reflexão sobre os dados da pesquisa de campo e o diálogo permanente com os sujeitos da investigação, foi sendo construído um referencial para pensar o objeto de estudo e, portanto, compreendê-lo dentro de seu contexto profissional educacional e sócio-cultural.

Dessa forma ficou definido como objetivo desse trabalho a relação entre escolarização e aprendizagem dos trabalhadores da construção civil, ou seja, o "saber fazer" relacionado ao baixo nível de escolaridade e a transferência do conhecimento frente às inovações do processo produtivo.

Quanto à temática escolhida, sua relevância surge do confronto entre questões mais gerais, como: a incorporação de inovações tecnológicas e a demanda por novas qualificações e / ou competências em descompasso com o setor da construção, cuja força de trabalho é absorvida de forma intensiva e caracteriza-se pela semiquificação e baixa escolaridade.

Vale destacar que a aprendizagem de um trabalhador de baixa escolaridade e sua interação com as inovações da indústria da construção começou a ganhar contorno como objeto dessa pesquisa somente a partir de alguns procedimentos, ou seja, através do embasamento teórico de alguns autores que estudaram o assunto e do contato direto com os trabalhadores, empresários, gerentes e engenheiros.

Esse contato ocorreu, inicialmente, com a entrevista de cento e trinta trabalhadores do setor de edificações em três construtoras na cidade de Praia Grande. Os dados obtidos devem ser analisados com cuidado, por serem amostras.

Dessa forma, a justificativa desse trabalho surgiu da observação do contexto urbano da cidade de Praia Grande, na qual a construção civil tem papel fundamental no crescimento e embelezamento da cidade, ou seja, investigar os sujeitos envolvidos em tal contexto, particularmente os trabalhadores do setor de edificações, detentores de uma baixa escolarização, desmotivados a uma profissionalização devido às próprias características do setor e, conseqüentemente, alvos fáceis não só da marginalização profissional, mas, sobretudo, social.

Assim, tentar-se-á definir algumas características dessas construtoras que foram palco das pesquisas de campo.

A seguir, investiga-se o processo de escolarização, conhecimento e aprendizagem desses trabalhadores que, em sua maioria pouco escolarizados aprendem o "saber de ofício" no próprio canteiro de obras, aspecto que reflete um descompasso entre inovações tecnológicas e as

exigências de um novo perfil de mão-de-obra na construção civil.

Assim sendo, a conclusão reflete questões centrais da temática abordada, assim como, as investigações e reflexões que foram sendo construídas ao longo desse estudo.

2 TRABALHADORES DO SETOR DE EDIFICAÇÕES NA CIDADE DE PRAIA GRANDE: INOVAÇÕES NA PRODUÇÃO, ESCOLARIZAÇÃO, E APRENDIZAGEM

A relação entre inovações tecnológicas, escolarização e aprendizagem dos trabalhadores do setor de edificações na cidade de Praia Grande é tema central deste trabalho e será abordado a partir de informações colhidas na fala dos trabalhadores, dos engenheiros, dos técnicos e dos gerentes em três construtoras pesquisadas.

A realização da pesquisa de campo possibilitou evidenciar elementos estruturais das empresas pesquisadas. Tais elementos serviram de subsídios que, de algum modo, colaboraram para o entendimento do estudo dos trabalhadores da construção, na cidade de Praia Grande.

Com base na pesquisa, procurou-se retratar a posição das empresas em relação à adoção de inovações tecnológicas e / ou organizacionais; entretanto, é necessário estabelecer uma correlação entre essas inovações e a escolaridade do trabalhador.

Considerando a assertiva acima, valem os seguintes questionamentos: os processos de inovações solicitam uma ampliação da escolarização do trabalhador desse setor? Ou ainda, quais as razões dessas empresas não adotarem novas tecnologias?

As construtoras pesquisadas encontram-se na categoria de pequeno porte, lembrando que são consideradas pequenas empresas, aquelas que empregam até cem funcionários; médias, aquelas com até quinhentos funcionários e grande, empresas que empregam mais de quinhentos funcionários (SindusCon – SP).

As construtoras em questão são familiares e encontram-se no mercado entre vinte sete e quarenta anos e acompanharam o crescimento imobiliário da cidade.

De modo geral, identifica-se entre as empresas pesquisadas uma preocupação em repensar a produção a partir do investimento em inovações tecnológicas e ou organizacionais objetivando melhoria nos custos e na qualidade.

Entre as inovações citadas pelas construtoras encontram-se aquelas ligadas à indústria de materiais e componentes. Essas inovações relacionam-se ao tipo de edificação construída. Assim, entre outras,

foram citadas bloco estrutural, gesso cartonado, cimento colante para assentamentos de azulejos, tubos e conexões PVC.

Percebe-se que a adoção dessas inovações acarreta na obsolência do saber e das habilidades tradicionais da construção e sua substituição pelo saber científico, não só dos fabricantes, mas também, por responsáveis pelo projeto da edificação.

Uma evidência desse fato encontra-se nas palavras de um mestre de obras das construtoras pesquisadas:

"[...] entra alguma tecnologia [...] esse prédio com a quantidade de andares requer um cálculo estrutural adequado, esse vento que vem da praia, chamado noroeste, que é muito forte exige mais cuidados devido à carga na fundação [...] aqui a tubulação hidráulica tem que ter uma peça redutora de pressão, senão estoura a tubulação [...]".

Em geral, as razões elencadas pelos entrevistados na adoção de inovações estão na busca da melhoria na qualidade do produto, na diminuição dos custos, na competitividade, no aproveitamento melhor da mão-de-obra. Todas as empresas citaram como resultado favorável o controle rígido com o desperdício de materiais, melhoria na qualidade do produto, diminuição do tempo gasto na construção, redução de custos, maior organização na administração da construtora e maior satisfação do consumidor.

A utilização de inovações, segundo alguns gerentes, condiciona-se às características do mercado e está atrelada às mudanças de caráter mais geral. Essas mudanças relacionam-se ao contexto econômico e político do país, que segundo alguns informantes podem motivar ou inibir tais inovações.

Nas palavras de um engenheiro do setor:

"[...] o cliente, hoje, é mais exigente ele quer um produto de qualidade [...] ele quer garantia que nunca vai acontecer nada com seu apartamento, talvez até pague um preço um pouco mais alto [...] acho que o cliente é o grande responsável pelas mudanças que possam a vir ocorrer [...], portanto depende do mercado [...]".

A política de recrutamento e seleção de mão-de-obra é fundamental na investigação sobre a correlação entre inovações e escolarização.

Tradicionalmente, a política de recrutamento nas construtoras pesquisadas orienta-se por indicações de outros trabalhadores da empresa. Em geral, indicam amigos desempregados ou parentes recém-chegados na cidade.

Em relação aos conhecimentos exigidos, salienta-se a valorização da experiência profissional do trabalhador, produto de sua prática no canteiro de obras, em detrimento de sua formação profissional ou grau de escolaridade. É importante mencionar que na contratação de serventes não se exige, sequer, alfabetização.

Ainda que, os entrevistados reconheçam os problemas decorrentes da baixa escolaridade dessa força de trabalho, percebe-se uma ausência de preocupação com esse fato, não só na admissão do

trabalhador, mas também, no próprio perfil das construtoras. De acordo com o dados abaixo:

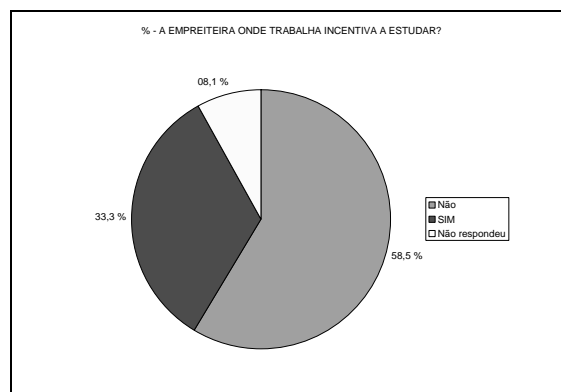


Figura 1 – Incentivo à escolarização do Trabalhador.

Analisando os dados anteriores, conclui-se a não preocupação das empresas com a escolaridade dos trabalhadores. Na pesquisa 58,5% responderam que não há incentivo da empresa para que o trabalhador volte a estudar, enquanto que, 33,3% responderam que sim, mas quando perguntados pelo tipo de incentivo responderam evasivamente e 8,1% não responderam.

Essa constatação leva à suposição que, aparentemente, as empresas têm clareza de que aqueles que possuem algum tipo de escolaridade, podendo ou tendo outra opção, não se encaminharão para a construção civil em virtude das peculiaridades do setor. Talvez, por essa razão, considerem irrealista fazer exigências de escolaridade no recrutamento dessa mão-de-obra.

Conseqüentemente, os processos de recrutamento e seleção dessa mão-de-obra valorizam mais o conhecimento técnico, aqui entendido como "experiência no trabalho", que a sua formação escolar, mesmo que a baixa escolaridade da mão-de-obra seja apontada como um dos obstáculos à modernização do setor e à adoção de inovações mais sofisticadas.

Em grande parte, o comportamento das empresas pesquisadas sobre a não adoção de inovações tecnológicas é explicado pela alta rotatividade dessa mão-de-obra e pela existência de uma "cultura" no setor da construção, que privilegia a manutenção do uso de técnicas tradicionais apoiada na intensa força de trabalho.

Isso significa que o conhecimento desses trabalhadores a saberes que fogem a sua formação escolar é um processo individualizado, através do qual atividades mentais captam a informação no exterior e a interpretam e reinterpretem interiormente, transformando-as em novos conhecimentos.

Cada trabalhador constrói o seu próprio conhecimento através da autonomia que o indivíduo tem de querer conhecer. Conhecimento é algo pessoal, propriedade de quem o detém, e não pode ser transferido de uma pessoa para outra, por inteiro, com todas as suas características, sentimentos, detalhes e significados.

Cabe destacar, que o significado é fundamental porque a mente humana tende a rejeitar afirmações que não tenham utilidade.

Assim, esse trabalhador não está interessado na ciência ou tecnologia que materiais e componentes da construção possam conter, mas no processo de conhecimento e aprendizagem técnica do “saber fazer”, como meio de garantir sua sobrevivência. Segundo palavras de Maturana:

“Nós, seres vivos, somos seres de interação, mas cada ser humano, em seu processo auto-organizativo, elabora dentro de si, reinventa o que se lhe apresenta do meio” [1].

Portanto, o saber técnico se realiza no trabalhador pela capacidade que todo ser humano tem de construir significados próprios, o que significa que a aprendizagem e a adaptação desses trabalhadores a novos saberes que fogem a sua formação escolar ocorrem através de um processo de individualização que se realiza no “como fazer”.

É possível reconhecer ainda, que o processo de conhecimento tem uma dinâmica interna própria e torna-se até mesmo inoperante a noção de senso comum uma vez que, todo conhecimento se move inicialmente no interior, numa complexa teia individual despossuída de níveis hierárquicos.

Assim, aprende-se de verdade apenas aquilo que é útil para melhorar a vida. Nota-se, que a atividade cognitiva desse trabalhador desdobra-se em múltiplos conhecimentos e conseqüentemente numa aprendizagem técnica que na maioria das vezes ultrapassa sua escolaridade.

Aprendizagem e adaptabilidade são fundamentais na absorção de novas técnicas, que exigem novos processos e modelos organizacionais e, conseqüentemente, um novo perfil de mão-de-obra na construção civil.

3 UMA RELAÇÃO ENTRE ESCOLARIZAÇÃO, O “SABER FAZER” E O “FAZER BEM FEITO”

No contexto da construção civil, marcada pela intensa presença de uma força de trabalho de baixa escolaridade e pouca ou nenhuma qualificação profissional, há um aparente descaso com as potencialidades da formação desses trabalhadores em suas múltiplas dimensões, principalmente, dos conhecimentos ditos escolares.

Segundo as pesquisas sobre o nível de escolaridade desses trabalhadores, constata-se:

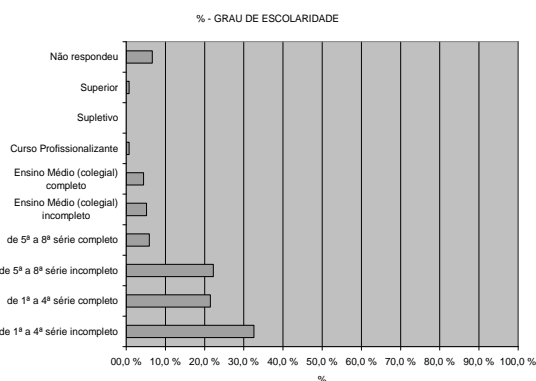


Figura 2 – Grau de escolaridade.

Pelos dados do gráfico anterior percebe-se que 33% não chegaram a completar a 4ª série, enquanto que 22% concluíram até a 4ª série. Essas percentagens demonstram que mais da metade desses trabalhadores apresentam baixo grau de escolaridade. Observa-se, na seqüência, que 23% não concluíram a 8ª série e somente 7% concluíram o Ensino Fundamental. Entre esses trabalhadores 6% possuem Ensino Médio incompleto e 4% completaram o Ensino Médio, apenas 1% possuem curso profissionalizante, 1% com curso superior, entre os engenheiros do setor e 3% não responderam.

Mais uma vez é preciso considerar que, diferentemente de outros setores produtivos, a construção civil convive com a falta de perspectiva profissional, de modo que torna-se difícil para as empresas determinarem que seus trabalhadores voltem a estudar. Por outro lado, essa falta de perspectiva torna difícil o trabalhador perceber quais são os “ganhos” de sua escolarização como operário do setor.

Nas palavras de um mestre de obras:

“[...] estudei até a 8ª série, para tocar obra não precisa tanto estudo, precisa de experiência [...] a gente tem prática, a gente faz bem, aprende na prática [...] a escola não me fez falta, só o fato de saber ler e escrever [...]”.

Esse depoimento retrata o tipo de “cultura” que permeia o mundo da construção e isso se faz sentir nas entrevistas com os trabalhadores sobre a continuidade dos estudos.

No percentual levantado apenas 10,4% continuam estudando, enquanto que 89,6% responderam que não freqüentam qualquer tipo de curso. Entre os 10,4% encontram-se trabalhadores detentores de um ofício como: gesseira, auxiliar técnico e trabalho com mármore e granitos.

É importante assinalar ainda, um certo constrangimento desses trabalhadores quando perguntados sobre o porquê de não voltarem à escola. O retorno à escola muitas vezes significa, de um lado, assumir publicamente seu precário domínio das habilidades básicas como ler, escrever, realizar operações aritméticas elementares. Por outro lado, esse trabalhador vem de uma vivência na qual a solicitação dos conhecimentos abstratos, formalizados na escola, é pequena [2].

Essa situação repete-se na sua vivência urbana, uma vez que, pela própria baixa escolaridade, dirige-se para ocupações que exigem demanda de habilidades manuais e esforço físico e não habilidades como ler e escrever.

A essa avaliação deve-se associar a própria natureza do trabalho realizado, que exige habilidades manuais e de grande esforço físico, aliado ao horário das aulas, após extenuante jornada de trabalho, resultando em cansaço que interagirá na qualidade da aprendizagem. No depoimento de um trabalhador:

“[...] aqui o trabalho é muito pesado, a gente entra às sete horas da manhã e sai às cinco da tarde, quer logo chegar em casa e tomar um banho, assistir televisão para distrair, estudar não vai mudar mais nada [...] às vezes tem bico depois da obra, ir à escola fica difícil [...]”.

No contato com os trabalhadores encontram-se depoimentos semelhantes a esse que levam à conclusão de que parece haver uma distância, uma quase incomunicabilidade entre o ensino na escola e o mundo do trabalho, acarretando a falta de motivação e a desistência dos trabalhadores.

Por outro lado, quando interrogados sobre a importância do estudo na sua profissão 86,9% responderam afirmativamente e 84,4% declararam que fariam um curso profissionalizante. Isto leva a crer que, estes homens simples ainda vêem nos estudos uma chance de oportunidade futura, de obterem melhores condições de vida.

Entre os trabalhadores entrevistados 22% escolheram o curso de elétrica, 14% optaram por encarregado de obras, 12% pedreiro, empatados com 7% construção a seco, assentador de mármore e granitos e hidráulica, enquanto que 6% escolheram segurança no trabalho. Os demais cursos obtiveram menos de 5%.

Percebe-se no discurso de cada trabalhador uma ansiedade quanto às perspectivas de sensibilização dos empresários em fornecer tais cursos. Isto se explica na dificuldade que o setor possui para a ascensão dos trabalhadores na estrutura hierárquica das ocupações. Muitas vezes, essa ascensão se dá não só pela capacidade, mas também, por características difíceis de avaliar, como a simpatia entre o mestre de obras e o trabalhador.

Quanto aos empresários das construtoras pesquisadas, verifica-se que estes não compreendem ou não querem compreender as ansiedades desses trabalhadores até porque se trata de firmas pequenas, tradicionais e que estão se adaptando às novas necessidades do mercado.

No que se refere à aprendizagem no contexto da construção civil, algumas questões merecem destaque, entre elas: Como ocorre a aprendizagem no canteiro de obras? Até que ponto o “saber fazer” do trabalhador está relacionado à construção e interpretação interna de significados que lhes são importantes nas suas relações externas?

O processo de aprendizagem dos trabalhadores da construção civil, na maior parte das vezes, ocorre no próprio canteiro de obras. De acordo com a pesquisa de campo 50% dos trabalhadores entrevistados tiveram seu processo de aprendizagem no próprio canteiro de obras, 17% aprenderam com a família, 15% com os amigos e 15% na observação do dia a dia fora do canteiro enquanto que 3% não responderam.

Portanto, essa aprendizagem ocorre no canteiro de obras e é parte de uma estrutura de ofícios em que interagem o mestre, o oficial e o aprendiz. Esse processo, que objetivava a transferência do “saber de ofício”, não só vem sendo destruído, uma vez que, algumas atividades foram transferidas para fora do canteiro e com isso o trabalhador passou a ter o domínio sobre uma parte do produto, como também esse “saber” não foi incorporado pelos segmentos gerenciais.

O “saber fazer” é denominador comum nos processos de aprendizagem profissional. Trabalhadores não qualificados adquirem sua qualificação trabalhando lado a lado, com os mais experientes, enquanto que, os trabalhadores qualificados fazem seu caminho por meio de

empresas ampliando experiências e ocupando postos de mando, como por exemplo, o encarregado de obras.

Na absorção do conhecimento e na necessidade da aprendizagem, o trabalhador como qualquer outro indivíduo recebe estímulos internos (interesse em conhecer) e acaba por transformá-los segundo suas próprias necessidades.

De acordo com o depoimento de alguns empresários, engenheiros e mestres-de-obras, o trabalho no canteiro de obras, quando realizado a contento, parece ser resultado de ações voluntárias que emergem de alguns trabalhadores. Como ocorre então esse processo, em que alguns trabalhadores “sabem fazer” e “fazem bem feito” e outros não?

Nesse sentido, nota-se que, a aprendizagem do trabalho ocorre quando algumas condições estão presentes. É preciso contar com a boa vontade para aprender, transferir conhecimentos e experiências.

De acordo com Mussak:

“O ser humano é um animal que aprende e o faz durante toda a sua vida. Todos têm capacidade de aprender, dentro do conceito que considera o aprender um fenômeno de receber estímulos, processá-los, classificá-los e armazená-los, com a finalidade de criar uma nova consciência de si e do mundo, provocando modificações comportamentais” [3].

Assim, a aprendizagem é um processo social e biológico e, portanto, não pode ser explicado tão somente por perspectivas sociológicas, mas também através da motivação individual desse trabalhador para aprender e absorver conhecimentos.

Maturana afirma que “vida é conhecimento” [1].

Nota-se que, conhecimento pertence a qualquer forma de vida, não provém de fora, mas da forma como o indivíduo organiza suas relações com o externo. Portanto, o trabalhador no seu processo de aprendizagem, introduz uma ordem no que vê, já que ele ao olhar reconhece semelhanças, regularidades e estabelece o que é mais ou menos importante. O processo de assimilação de uma informação não está na dependência da qualidade de assimilação, mas sim, como essa informação é vista pela dinâmica interna do indivíduo.

Refletir sobre o processo de aprendizagem, por conseguinte “o saber fazer” é, antes de tudo, falar da construção de significados. Um trabalhador só aprende um conteúdo quando é capaz de imprimir-lhe um significado.

Assim, o “saber fazer” ou “fazer bem feito” é um processo individualizado de cada trabalhador, “através do qual propriedades intrínsecas da autonomia dos indivíduos não captaram a informação do exterior, mas acolheram o seu entorno como fenômeno interpretativo” [1].

A aprendizagem no canteiro de obras é um processo de transmissão de conhecimentos e experiências. Nessa transferência cognitiva entre os trabalhadores ocorre um processo mental acompanhado da reflexão / ação que supõe que esse trabalhador é capaz de reconhecer as técnicas que lhes são ensinadas e recriá-las em novas situações.

Esse processo de aprendizagem exige inicialmente que o trabalhador “queira aprender”.

Através de uma intuição mais ou menos explícita de que tem recursos para investir na compreensão e no domínio da situação de aprendizagem baseada sem dúvida, em uma forma de confiança em seus próprios recursos internos: “posso”, “quero” e “aprendo”.

Não basta o trabalhador ouvir simplesmente de outro como colocar corretamente azulejos e seguir à risca esse procedimento para agir de modo eficaz. A capacidade de integrar conhecimentos, a observação, a experiência é decisiva para o “saber fazer”.

Trata-se da capacidade de encontrar, selecionar, integrar os recursos cognitivos de que dispõe.

“A transferência de um conhecimento, uma aprendizagem mobiliza esquemas de inferência, de generalização, de resolução de problemas, de raciocínio, esquemas esses que são constituídos muito desigualmente, conforme os sujeitos. Assim, não se adquire “uma competência universal” da transferência, mas se adquire através da experiência e da reflexão sobre a experiência e instrumentos, esquemas ou posturas mentais para facilitá-la” [4].

Nota-se, por exemplo, que a prática do electricista no canteiro de obras é considerada uma atividade especializada e nela percebe-se que a transferência cognitiva é tão imediata que desaparece como momento específico da ação e como problema. Nesse sentido, “a preparação para a transferência do conhecimento passa a ser apenas um “substrato” da experiência e de domínio prático-teórico completo” [4].

A preocupação da transferência cognitiva vale, sobretudo para o trabalhador iniciante que deve dominar conhecimentos através da prática da reflexão / ação como objeto do conhecimento, tornando-se um especialista ou detentor de um “saber do ofício” depois de algum tempo de assimilação da aprendizagem e do exercício da experiência. O trabalhador de ofício distingue-se por sua capacidade de relacionar e transferir situações que o novato julga serem iguais, porque este não percebe as semelhanças estruturais existentes sob as diversas atividades que se apresentam num canteiro de obras. Assim, para que ocorra transferência da aprendizagem é necessário unir saber e experiência.

Qualquer trabalhador pode aprender simplesmente dando um sentido limitado ao trabalho e ao saber.

“A transferência torna-se então improvável, não será acompanhada por nenhuma das representações que torna o seu uso imaginável e pertinente, fora daquele contexto da aquisição” [4].

Assim, quando a aprendizagem ocorre da união do saber e da experiência o trabalhador adquire o “saber fazer” ou “fazer bem feito”; por outro lado, quando o trabalhador aprende simplesmente limitando o saber e a experiência ocorre o “fazer”.

É a aprendizagem profissional o melhor exemplo de “aprender fazendo”, na qual, os trabalhadores aprendem com outros trabalhadores, antes mesmo de compreenderem racionalmente o que estão fazendo e do porquê estão fazendo. Nota-se, que na atividade profissional muito do processo de

aprendizagem de novas competências depende da imitação do trabalhador iniciante observando a atividade desenvolvida pelo trabalhador de ofício.

Assim, o trabalhador iniciante tenta reconstruir o que aprendeu de essencial na habilidade do trabalhador de ofício e testa seu desempenho através da sua própria ação criativa.

Para aprender é importante compreender o sentido daquilo que se aprende. Para tanto, não basta que o “saber” seja inteligível e assimilável. É necessário que o trabalhador compreenda porque foi desenvolvido, transmitido e porque é conveniente adquiri-lo.

Essa percepção da necessidade da aquisição do saber por parte do trabalhador da construção ocorre na “práxis” do dia-a-dia. Sua compreensão é utilitarista uma vez que, a aprendizagem de determinados saberes permite-lhes transferir e recriar em novas técnicas exigidas e conseqüentemente garantir a sua sobrevivência no mercado de trabalho.

Um exemplo disso ocorre com a utilização de tijolos e do gesso cartonado. Em ambos os casos a medição da perpendicular no levantamento de uma parede é semelhante. Nota-se que no gesso cartonado, a técnica adotada, utiliza a experiência anterior acrescida a um novo tipo de conhecimento e de experiência. É, portanto, no conhecimento de uma nova técnica que esse trabalhador adquire um novo “saber”.

É óbvio que, um nível de escolaridade maior pressupõe formas mais organizadas de pensamento, portanto, níveis mais avançados de aprendizagem, possibilitando maior adequação às formas abstratas e sofisticadas de relacionamento pessoal e profissional e, conseqüentemente, êxito nessas incursões.

Assim, o processo educativo, em qualquer grau ou finalidade, envolve sempre a capacidade cognitiva, pois é através dela que os indivíduos resolvem seus problemas e equacionam soluções, que são pré - requisitos fundamentais para a aquisição de novos saberes sobre a natureza, a cultura, o trabalho e a sociedade.

4 CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve como ponto de partida o estudo da escolarização e aprendizagem dos trabalhadores da construção civil na cidade de Praia Grande em contato com as inovações do processo produtivo.

Essas questões ganham relevância quando se tem como referência a indústria da construção civil, particularmente no setor de edificações, caracterizado pela especificidade de seus processos produtivos e de trabalho, pelo uso intensivo de mão-de-obra pouco escolarizada e de baixa qualificação, por altas taxas de rotatividade, pela presença parcial de novas tecnologias e pelo pequeno uso de equipamentos sofisticados.

Na prática cotidiana observa-se que a maior parte das empresas pesquisadas apresenta baixo grau de inovações e depende da rígida estrutura de ofícios que orienta o setor e organiza o trabalho. São empresas de pequeno porte, que pouco ou nada investem na sua força de trabalho e não dispõem de uma proposta de formação de mão-de-obra.

Na verdade, os pequenos avanços, citando-se o uso de pré-moldados e de alvenaria estrutural, entre outros, interagem com práticas tradicionais apoiadas no “saber de ofício” e no amplo uso das habilidades físicas dos trabalhadores.

Dessa forma, os debates sobre a reestruturação produtiva, na necessidade de novo perfil de trabalhador com maior grau de escolarização são apenas incorporados em nível de discurso e não na prática.

Tendo como suporte alguns dados da pesquisa conclui-se que, a maioria não completou a 4ª série do ensino fundamental. Esse fato leva à conclusão que a falta de perspectivas dos trabalhadores de que a escolaridade pouco ou nada acrescenta em sua vida profissional colaborou para a atual situação. Outros fatores unem-se a este, destacando-se a política educacional ofertada a adultos que neste país está muito aquém das necessidades do mundo do trabalho, principalmente em uma atividade que exige muito mais destreza de movimentos e força física do que ler e escrever.

Como uma característica marcante do ser humano é sua adaptabilidade, assim, esses trabalhadores aliados do processo de escolarização aprendem no dia-a-dia com outros trabalhadores. Portanto, o “saber fazer” é passado ao outro numa relação de “aprender a aprender” e são denominadores comuns para esses trabalhadores do setor de edificação.

A aprendizagem é inerente ao ser humano, enquanto que competências e habilidades encontram-se potencializadas, aptas a serem desenvolvidas. O trabalhador pode não compreender os processos químicos que contêm materiais e componentes da indústria da construção, mas se adapta e se adaptará no futuro, no “saber fazer” independente das inovações produtivas.

Finalmente, o estudo, a aprendizagem e a escolaridade desses trabalhadores justificam-se na dívida social não reparada e na preocupação com as novas gerações, para que os adultos do futuro tenham condições de competir no mercado profissional em igualdade de condições educacionais e sociais.

5 REFERÊNCIAS

- [1]. MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. A árvore do conhecimento. São Paulo: Psy, 1995.
- [2]. HADDAD, S. Escola para o trabalhador: uma experiência de ensino supletivo para trabalhadores. In: ARROYO M. G. (org.). Da escola carente à escola possível. São Paulo: Loyola, 1986, p. 155-183.
- [3]. MUSSAK, Eugenio. Megacompetência : uma nova visão do trabalho e da realização pessoal. São Paulo: Gente, 2003.
- [4]. PERRENOUD, Philippe. Pedagogia diferenciada: das intenções à ação. Patrícia Chittoni Ramos (trad.), Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

